

O inventário da cultura do Seridó (RN) ou como dar conta do patrimônio imaterial de uma região.¹

*Julie A Cavignac**,
*Muirakytan K. de Macedo***,
*Paula Sônia de Brito****,
*Maria Isabel Dantas*****

*Porque será que eu te quero tanto?
Porque será que eu vivo a te adorar?
É minha terra, eu amo esse recanto
Meu pé de serra viva, o meu lugar (...)
Siri, Siridó, Eline Julião.*

Resumo: O Inventário da Cultura do Seridó buscou mapear os usos, as funções e as significações simbólicas, estéticas e sociais das celebrações, dos ofícios e saberes, das formas de expressões e dos lugares de memória foi realizado por pesquisadores e alunos de institutos de ensino superior do Rio Grande do Norte. O artigo propõe uma reflexão sobre a pertinência das categorias elegidas como patrimônio imaterial, a aplicabilidade da metodologia proposta e os resultados concretos de tal ação para a população local. A festa de Sant’Ana que, inicialmente, era apenas um dos itens do inventário, se transformou recentemente no primeiro registro de patrimônio imaterial do estado do Rio Grande do Norte e nos servirá para exemplificar os desafios e os limites das ações patrimoniais.

¹ O texto foi apresentado inicialmente por Julie A. Cavignac na Anpocs 2008 no SIMPÓSIO ESPECIAL 3 “Patrimônio, memória e sociedade: tendências e desafios” sob a coordenação de Ruben George Oliven então presidente da Anpocs e contou com a organização: Cornélia Eckert (UFRGS), numa promoção do DEMU/IPHAN/MinC. Apresenta uma síntese das discussões e reflexões feitas pelos coordenadores da pesquisa. O projeto é parte das ações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN - 3ª sub-regional/20ºSR/PB-RN; foi administrado pela Fundação de Pesquisa e Ensino do Rio Grande do Norte – FUNCERN / IFRN.

* * Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

** Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

*** Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

**** Professor Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte- IFRN.

Palavras-chave patrimônio imaterial; Metodologia; Seridó.

Abstract: The inventory of the Culture of Seridó tried to map the uses, the functions and the symbolic, aesthetic and social meanings of the celebrations, crafts and knowledges, forms of expressions and places of memory and was conducted by researchers and students from institutes of superior studies in Rio Grande do Norte. The article proposes a reflection on the pertinence of the elected categories as intangible heritage, the applicability of the methodology proposed and the concrete results of such action to the local population. The "Festa de Sant'Ana", which originally was only one item of inventory, recently became the first intangible patrimony recognized at the state of Rio Grande do Norte and serves to exemplify the challenges and limits of the patrimony-oriented policies.

key-words: intangible patrimony, methodology, Seridó.

A região do Seridó é lugar de destaque no cenário do sertão do Rio Grande do Norte por sua história, sua religiosidade vivida no cotidiano, sua tradição culinária e festiva; motivos de orgulho dos “filhos da terra de Sant’Ana” que foram versados pelo cantor Elino Julião. Se, localmente, essa particularidade cultural é reconhecida, valorizada ou criticada pelos “não-seridoenses”, não existiam ações dos órgãos governamentais tendo como proposta a promoção e a valorização da cultura local.

Visando reparar essa lacuna, foi proposto um mapeamento dos elementos que compõe a paisagem cultural da região: o patrimônio cultural seridoense foi objeto da ação intitulada “Inventário das Referências Culturais do Seridó-RN” apresentada ao IPHAN: aprovada em outubro de 2006 pelo Ministério da Cultura, a pesquisa foi realizada entre 2007 e 2008 por professores e estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Renomeado “Inventario da Cultura do Seridó” para ser melhor entendido por parte da população local, o projeto buscou mapear os usos, as funções e as significações simbólicas, estéticas e sociais das celebrações (os rituais religiosos e as festas ‘de rua’, sendo a festa de Sant’Ana de Caicó a mais importante de todas); dos ofícios e saberes (os conhecimentos e modos de fazer, sobretudo aqueles relacionados à alimentação, ao couro, à arte sacra e ao bordado); das formas de expressões (a tradição oral, as formas de devoção, as manifestações musicais, com destaque para as bandas de música e a dança do Espontão) e dos lugares de memória (os espaços de sociabilidade e os que possuem uma importância histórica). Queremos, aqui, apresentar o trabalho realizado por uma equipe extensa composta em grande parte por pesquisadores e alunos de institutos de ensino

superior do Rio Grande do Norte, grupo que se envolveu com entusiasmo ao longo das diferentes etapas do INRC². Aproveitaremos para iniciar uma reflexão sobre a pertinência das categorias elegidas como patrimônio imaterial, a aplicabilidade da metodologia proposta e os resultados concretos de tal ação para a população local. A festa de Sant’Ana que, inicialmente, era apenas um dos itens do inventário, se transformou recentemente no primeiro registro de patrimônio imaterial do estado do Rio Grande do Norte e nos servirá para exemplificar os desafios e os limites das ações patrimoniais.³

Os passos do mapeamento

O mapeamento dos bens inventariados no Seridó e a sistematização dos dados levantados acompanharam a dinâmica estabelecida pelo grupo, seguindo as instruções do IPHAN para a aplicação da metodologia. O desafio inicial foi encontrar um terreno comum entre as exigências institucionais, nossas práticas de pesquisa e as expectativas da sociedade seridoense em relação a sua cultura e sua projeção em nível nacional.

Após o treinamento preliminar no início dos trabalhos, ainda em 2006, foi feita uma reflexão coletiva sobre o trabalho a ser realizado: as equipes foram constituídas e coordenadas por pesquisadores da UFRN e IFRN, incluindo especialistas locais e

² Na definição do Iphan: O Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC – é uma metodologia de pesquisa desenvolvida pelo Iphan que tem como objetivo produzir conhecimento sobre os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores e que, portanto, constituem marcos e referências de identidade para determinado grupo social. Contempla, além das categorias estabelecidas no Registro, edificações associadas a certos usos, a significações históricas e a imagens urbanas, independentemente de sua qualidade arquitetônica ou artística. A delimitação da área do inventário ocorre em função das referências culturais presentes num determinado território. Essas áreas podem ser reconhecidas em diferentes escalas, ou seja, podem corresponder a uma vila, a um bairro, a uma zona ou mancha urbana, a uma região geográfica culturalmente diferenciada ou mesmo a um conjunto de segmentos territoriais.” (IPHAN, disponível em 06 de janeiro de 2011 em <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=13493&retorno=paginaIphan>)

³ Parte dos resultados da pesquisa e dos textos elaborados pelos integrantes da nossa equipe foram utilizados para constituir o dossiê da Festa de Sant’Ana, bem registrado pelo IPHAN em 13 de dezembro de 2010 no livro das celebrações (n. do processo: 01450004977/2008-26). Texto disponibilizado no site do IPHAN sem consulta prévia aos autores nem divulgação para os participantes do projeto.

representantes da sociedade civil.⁴ Ao todo, foram mais de 50 professores, bolsistas, voluntários e colaboradores que participaram do projeto ao longo dos meses que durou o inventário. Cada categoria -- celebrações, saberes e ofícios, formas de expressão e lugares - - correspondia a uma equipe composta por um coordenador, um ou vários bolsistas e múltiplos colaboradores que eram integrados aos poucos no decorrer da pesquisa.⁵ A composição das equipes foi modificada em vários momentos e teve que acompanhar as necessidades do projeto, sabendo que os integrantes do grupo eram distribuídos em pelo menos duas sedes, em Natal, no Núcleo Câmara Cascudo, situado no Museu Câmara Cascudo e em Caicó, no Museu do Seridó, ambos pertencendo à Universidade Federal do Rio Grande do Norte.⁶ Como um grande número dos nossos colaboradores eram estudantes, vários deles tiveram que priorizar suas atividades acadêmicas em certos períodos mas todos continuaram colaborando com nosso trabalho, demonstrando interesse e seriedade. A participação dos alunos em vários níveis de formação nos cursos de Ciências Sociais, Antropologia, História, Geografia, Turismo, em particular do CERES em Caicó, estimulou a criação de outros projetos patrimoniais e abriu perspectivas para desenvolvimento de novos trabalhos acadêmicos, área pouco investigada até então em nível local. Uma pesquisa desta natureza deu visibilidade tanto às instituições envolvidas quanto à economia e a cultura da região.⁷

⁴ Os coordenadores das equipes foram: Julie A. Cavignac, Muirakytan K. de Macedo, Maria Isabel Dantas, Paula Sônia de Brito. Leonilda Maria de Souza, funcionária do IPHAN/RN responsável por acompanhar os trabalhos da equipe, também participou da organização da pesquisa, da Andréa Lúcia Vanconcellos de Aguiar

⁵ Eliminamos rapidamente a categoria “Edificações” por duplicar, ao nosso ver os bens levantados pela equipe “Lugares” e por se tratar de bens materiais.

⁵ Eliminamos rapidamente a categoria “Edificações” por duplicar, ao nosso ver os bens levantados pela equipe “Lugares” e por se tratar de bens materiais.

⁶ A menção da participação institucional destas IES desaparece no texto final do dossiê da Festa de Sant’Ana que foi reelaborado por técnicos do IPHAN sem consulta prévia aos autores, vale ressaltar.

⁷ Por exemplo, Thaís Fernanda S. de Brito, naquele momento pesquisando para sua tese de doutorado na Universidade Federal de São Paulo sob a orientação de Fernanda A. Peixoto, participou do inventário

Em níveis diferentes, os integrantes da equipe tinham relações estreitas com a vida cultural da cidade ou da região; esta aproximação facilitou a organização do trabalho de campo e a logística das equipes de pesquisa, pois membros das equipes faziam contato com as autoridades locais que, todas, colaboraram com entusiasmo ao desafio que era de realizar um inventário das expressões culturais, dos conhecimentos, das representações, das práticas e dos lugares representativos da identidade e cultura seridoense. Cada grupo ficou responsável pelo levantamento de dados correspondendo a uma categoria de bens, a quantidade variava em função das localidades e da natureza do bem. Esse mapeamento foi realizado de acordo com a seleção que foi elaborada conjuntamente pela equipe que ainda reuniu material bibliográfico sobre o assunto, elaborou textos e produtos correspondentes aos itens mapeados. Também cada um dos responsáveis teve autonomia para solicitar auxílio às diferentes instituições, já que o IPHAN só disponibilizava bolsas de pesquisa – oito ao todo - para a promoção do inventário, o transporte dos pesquisadores, a contratação de técnicos especializados, a utilização de locais de reuniões ou de equipamentos como gravadores digitais, máquinas fotográficas, filmadoras, computadores ou mesmo a de material de expediente. Muitos outros itens ficaram a cargo de cada um coordenador que participava de um projeto registrado na sua instituição e que assim conseguiram mais recursos para viabilizar a pesquisa. Importante salientar que sem a parceria das Instituições de Ensino Superior localizadas na capital potiguar e no Seridó e, sobretudo, sem a colaboração dos dois museus universitários, o trabalho ia se tornar inviável.⁸ Desta forma, o trabalho, inicialmente realizado sob forma contratual com o IPHAN, tomou outra configuração a ser integrado como atividade acadêmica envolvendo um número elevado de pesquisadores integrados em grupos já formados, com um bom

durante a festa de Sant'Ana em 2007, como integrante da equipe saberes e ofícios para o levantamento de dados sobre o bordado de Caicó.

⁸ Fundos foram destacados pelo IPHAN em 2007 e 2010 para realização do dossiê da Festa de Sant'Ana que foi realizado em paralelo ao INRC do Seridó. No entanto, as informações coletadas por nós foram utilizadas e parcialmente publicadas no site do IPHAN sem serem revisados pelos autores, o que teve como resultado a ausência de controle da qualidade do material divulgado pelos pesquisadores.

conhecimento do campo, com trabalhos já realizados na área e mantendo relações institucionais antigas com os atores e comunidades contempladas pelo INRC; por isso, o projeto teve uma boa aceitação local, pois, no estado do Rio Grande do Norte, o IPHAN não era referência na área de patrimônio imaterial e não havia desenvolvido nenhum trabalho relevante no setor, até então.⁹

É também importante salientar que a operacionalização da pesquisa só foi possível graças à existência de contatos anteriores, de conhecimentos prévios, de pesquisas já realizadas e da assessoria de atores inseridos na dinâmica regional: assim, contamos com a participação de Custódio Jacinto de Medeiros, articulador dos responsáveis do Roteiro Seridó (Sebrae/RN)¹⁰, projeto anterior ao nosso, responsável pela Casa de Cultura de Caicó, artista que elaborou a logomarca do projeto e promoveu a divulgação do INRC junto às prefeituras e responsáveis estaduais dos órgãos de cultura. De fato, um trabalho desta envergadura e desta natureza pressupõe uma familiaridade com o campo a ser explorado, e deve, para vigorar, ser inserido na dinâmica cultural e política local e conciliar as sensibilidades dos diversos atores.¹¹ Veremos que, durante a coleta de dados esses parâmetros foram respeitados mas que, na fase final de divulgação dos resultados e na hora do registro da Festa de Sant’Ana como patrimônio imaterial brasileiro, consagração que daria visibilidade nacional à região, os interessados não foram envolvidos.

⁹ Cf. O artigo publicado no suplemento do Diário de Natal, DN Seridó: “O Seridó será imortalizado” em 10 de fevereiro de 2008.

¹⁰ O Roteiro Seridó, Novos Caminhos para o Turismo é um programa de interiorização do turismo no Rio Grande do Norte, desenvolvido pelo Sebrae-RN e Governo do Estado. Para maiores informações acessem <http://www.roteiroserido.com.br/>

¹¹ É preciso destacar o apoio dos municípios das cidades contempladas pelo inventário, em particular a Secretaria de Educação e Cultura do município de Jardim do Seridó que nos acolheu durante o trabalho de campo. Outros parceiros foram importantes para viabilização da pesquisa: a Fundação José Augusto através das Casas de Cultura, o Museu da cidade de Acari e o SEBRAE-RN.



Inventário da Cultura do Seridó

Figura 1: Logomarca do projeto.

As dificuldades encontradas quando do início dos trabalhos foram múltiplas, a maioria relativas à delimitação da área a ser pesquisada, à definição conceitual de referência cultural ou de patrimônio, à própria metodologia do INRC, à sua aplicação e sua capacidade para “inventariar” um “lugar” que, na verdade era uma região cuja homogeneidade era sempre questionada.¹² Muitas dúvidas tentaram ser sanadas, já que se tratava de uma forma de trabalho nova para a maioria dos que compunham o grupo de pesquisa: os pesquisadores que atuavam na área de Antropologia, História ou Geografia tiveram que se formar à metodologia proposta e elaborar estratégias para aplicá-la à realidade do campo. Em fase posterior, uma vez que os pesquisadores já eram familiarizados com a metodologia, a equipe recebeu informações divergentes por parte de

¹² Assim, por exemplo, o Seridó não se limita às fronteiras políticas do Rio Grande do Norte e mantém relações históricas com a Paraíba vizinha – sobretudo no que diz respeito à dinâmica cultural das irmandades negras.

funcionários do DPI, em particular de que poderiam ser feitas adaptações das fichas do INRC; mas já não era possível, pois o trabalho já tinha sido iniciado.

O levantamento preliminar resultou numa lista extensa de bens abrangendo toda a mesorregião do Seridó (incluindo as cidades das microrregiões do Seridó Ocidental e do Seridó Oriental), em um circuito de sete cidades: Acari, Caicó, Carnaúba dos Dantas, Cruzeta, Currais Novos, Jardim do Seridó e Timbaúba dos Batistas. No entanto, precisou realizar vários novos cortes para elencar os bens que iam ser levantados e sistematizados nas fichas do INRC.



Figura 2: Localização da pesquisa: mapa dos municípios seridoenses pesquisados.

Após a fase preliminar da pesquisa, o número de bens foi reduzido para cerca de duzentos, num roteiro que integrava os sete municípios elencados anteriormente, visto que era irreal querer seguir à risca as orientações da metodologia no que diz respeito à abrangência da área sob pena de não terminar o trabalho. Assim, realizar um inventário das referências culturais de uma região pressupõe a repetição ad nauseam e improdutiva dos dados para cada localidade pesquisada. Ainda assim, a quantidade de bens pareceu-nos muito grande para a viabilização do inventário, levando em conta, principalmente, o

tempo que teríamos para sua execução, inicialmente um ano. Depois de diversas reuniões, tivemos que redimensionar nossas expectativas, elaborar um plano estratégico: decidimos concentrar nossos esforços em alguns bens cuja importância advinha da capacidade de agregar diversas outras referências culturais relacionadas; destacamos em primeiro lugar a Festa de Sant'Ana, no município de Caicó, como sendo o evento mais representativo, aglutinador da memória e produtor da identidade regional.

Durante a primeira etapa do projeto, as atenções foram centradas nos espaços onde são produzidas as expressões de uma cultura tradicional constantemente reavaliada pelos seus detentores, com o propósito de elaborar uma documentação consistente que possa vir a subsidiar futuramente um pedido de inclusão do Seridó no Livro de Registro de Lugares do Programa de Patrimônio Imaterial. Desta forma, foram levantados os bens imateriais considerados como sendo os mais expressivos e mais significativos para a grande parte da sociedade seridoense.

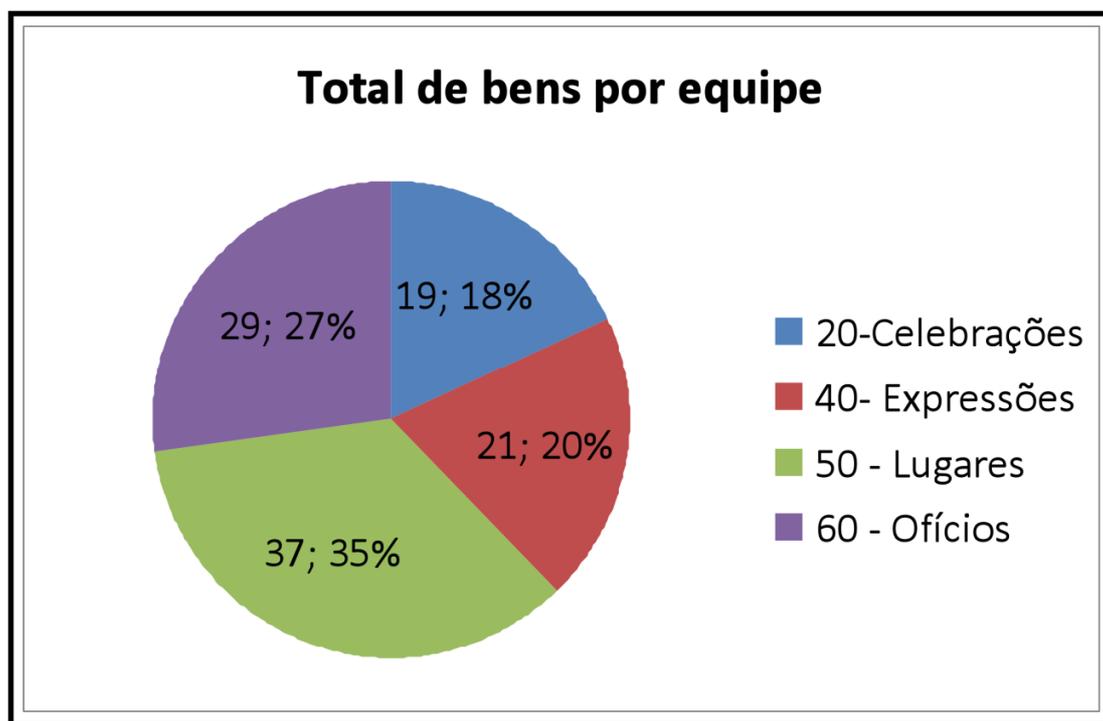


Figura 3: Bens inventariados (por equipes).

Assim, a pesquisa realizada durante a Festa de Sant’Ana em Caicó possibilitou testar a metodologia e representou um esforço coletivo por parte dos pesquisadores, pois, nessa fase, foram levantados quase um terço do total dos bens mapeados. Na ocasião, foi realizada uma revisão da lista de bens relevantes para cada categoria: em todas as etapas, a seleção das referências culturais foi realizada a partir das observações dos próprios seridoenses, partindo do pressuposto que se reconheciam no “bem” do qual participavam. A pertinência da escolha foi várias vezes rediscutida em equipe relativamente aos conceitos utilizados, sendo os principais os de referência cultural e de patrimônio imaterial (ARANTES, 2001; VELHO, 2006; LONDRES, 2000).

Na ocasião da análise e classificação dos dados, nosso esforço caminhou no sentido de procurarmos as referências que melhor expressavam e representavam a “cultura seridoense”. A idéia norteadora da metodologia utilizada era encontrar, nas variações culturais que eram observadas, aquilo que podia ser generalizado como sendo emblemático da região, do ponto de vista dos seridoenses; idéia que foi mais de uma vez colocada em questão pelos próprios pesquisadores por “engessar” as expressões culturais, enfatizar as mais conhecidas e fazer valer o discurso das elites - o que, de fato, vem de encontro com o espírito da metodologia do INRC.¹³ Nesse sentido, tentamos sempre privilegiar a “visão nativa” para definir quais eram as referências culturais a serem inventariadas e posteriormente definidas para constar nos registros do INRC.

¹³ Assim, por exemplo, grande parte do “bordado de Caicó” provêm de Timbaúba dos Batista, município vizinho. Esse bem se sobressai em relação aos outros e, em Timbaúba, não foi encontrado nenhuma celebração que possa ser considerada como “referência cultural”.

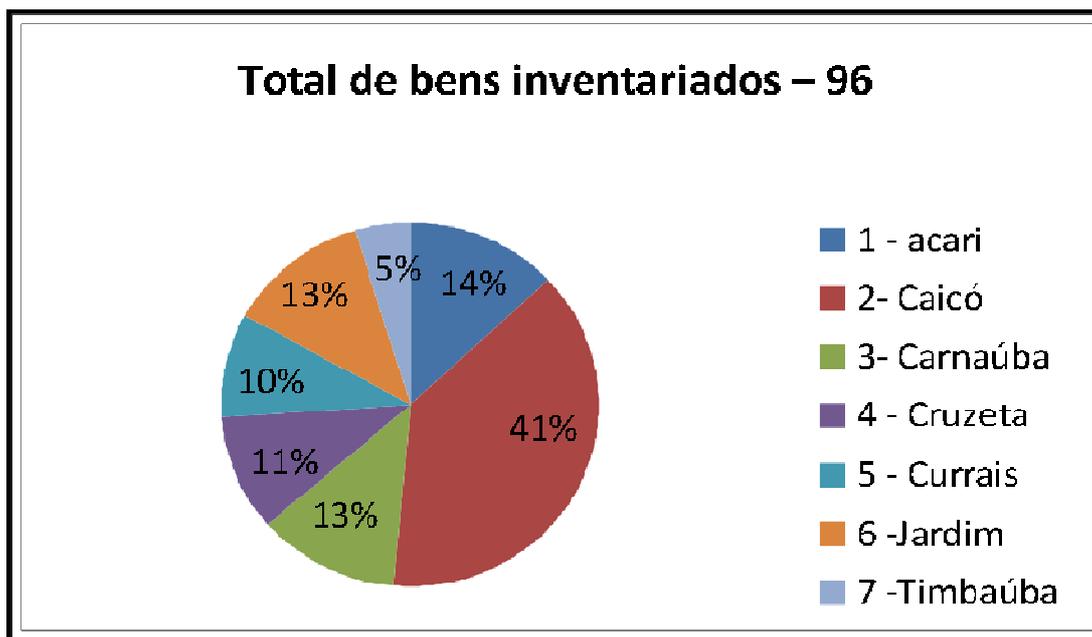


Figura 4: Bens inventariados apos finalização do INRC.

A partir de então, iniciou-se uma nova etapa do projeto, desta vez com aplicação sistemática dos questionários, em cada município escolhido, por pesquisadores treinados para esse fim. Quando foi possível, a pesquisa empírica foi realizada simultaneamente por todos os membros das equipes e foi acompanhada do preenchimento das fichas associadas, dada a maior intimidade com a metodologia proposta pelo IPHAN. Essa escolha metodológica permitiu cruzar as informações que estavam sendo coletadas, racionalizar o trabalho das equipes, evitar as repetições de dados e, ao mesmo tempo, deu visibilidade à ação patrimonial: os pesquisadores eram identificados através de crachá e de camisetas com a logomarca do projeto e recebiam o apoio das autoridades locais; o que teve como consequência a sensibilização dos responsáveis para importância das ações patrimoniais a serem desenvolvidas. O esforço dos coordenadores foi concentrado na elaboração das fichas de identificação de cada bem que foi mapeado; a experimentação foi construída graças à reflexão conjunta e do entrosamento dos diversos membros das equipes, trabalhando em conjunto, numa mesma localidade.

Ao todo, foram elaboradas mais de seiscentas e cinqüenta fichas correspondendo aos bens que foram mapeados nos sete municípios elencados: carnaval, festas religiosas, seja elas de santos padroeiros, de Sant’Ana que acontece em pelo menos três localidades do Seridó, ou ainda a festa ligada à uma irmandade como a de Nossa Senhora do Rosário

dos Homens Pretos. Já os lugares foram mais diversificados, pois encontramos serras (reinos encantados), açudes, poços, praças, igrejas, santuários (Monte do Galo, Santuário de Santa Rita de Cássia), que são ligados à práticas devocionais ou a celebrações. Há também uma grande diversidade de ofícios e de modos de confecção: coureiro, rezadeira, doceira (filhós, chouriço, biscoito), queijeiro (queijo de coalho e de manteiga), santeiro, cozinheira (buchada, panelada, galinha, etc.). As formas de expressão se concentram nas bandas de música, nas práticas devocionais e a tradição oral, incluindo as diferentes formas narrativas ou poéticas. Na verdade, todos os 'bens' são relacionados entre eles e nem sempre foi fácil estabelecer limites claros entre as categorias: assim como descrever a dança do Espontão sem evocar a festa de N. Sra. do Rosário, a devoção à santa ou a memória da construção da casa da irmandade em Jardim do Seridó. A aplicação dos questionários e a formatação em fichas nem sempre se revelou adequada a este tipo de informação e apresenta uma visão fragmentada da realidade evocada, classificando de maneira artificial as manifestações culturais em categorias que não correspondem à visão dos locutores.

654 fichas



Ofícios

Biscoiteira – 2
Bordadeira – 2
Buchada e panelada – 2
Chouriceira – 3
Coureiro – 4
Filhós -3
Marchante – 2
Queijeiro – 3
Rezadeira -3
Santeiro -3

Celebrações

Carnaval -2
Festa Católicas 07
Vaquejada – 1
Festas em clube – 04
Procissão – 01
Novena – 01
Peregrinação – 01
Missa – 01
Carreata – 01
Feirinha

Lugares

Açude - 2
Igreja e lugar Sagrado
- 11
Lugar histórico (Mina
Brejuí, Engenho de
Rapadura, Casa do Rosário,
poço, ponte) – 06
Praça e espaços de
sociabilidade -14
Peregrinação - 05

Expressões

Bandas de Música - 05
Dança do Espontão - 01
Devoção - 08
Tradição oral (estórias de trancoso, almas, botijas, lendas) - 08

Figura 5: Número de fichas elaboradas por categorias de bens.

Como percebemos, novos bens apareceram ao longo do mapeamento, o que agrupamos no termo genérico de “tradição oral” ou “devoção”, vistos antes como corolários de outros bens levantados, no caso das lendas de fundação de cidades, eram presentes na evocação dos lugares (sagrados) ou das celebrações (festas de padroeiros). Incluímos ainda o conjunto da obra de Elino Julião, filho de Timbaúba, na categoria “Formas de expressão”, por considerar a importância do artista recentemente falecido em revelar a “cultura do Seridó” e a identificação dos seridoense com as suas músicas: lugares, devoções, práticas, experiências vividas, musicalidade, etc.

Chegamos a um “panorama eletivo” da cultura seridoense, cujos termos foram escolhidos pelos moradores da terra de Sant’Ana, no lugar de um verdadeiro inventário. Na ocasião, podemos verificar a existência de falhas na metodologia aplicada, pois o termo de inventário não parece adaptado ao trabalho realizado: ao mesmo tempo, que se propõe a um levantamento quantitativo, extensivo e sistemático dos bens culturais, esses mesmos

bens devem ser relevantes e definidores de uma identidade regional, o que supõe incluir uma perspectiva subjetiva e reflexiva que não é levada em conta na metodologia do INRC. Geralmente, para esse tipo de investigação, prefere-se aplicar uma metodologia de tipo qualitativo, com longos períodos de observação, a realização de entrevistas abertas, incluindo uma análise crítica dos discursos dos atores. Essa proposta metodológica utilizada pelos antropólogos, supõe ainda um conhecimento prévio do campo e dos seus embates, uma familiaridade com os interlocutores a serem solicitados para participar da coleta de dados. No entanto, a aplicação dos mesmos instrumentos numa grande escala possibilita uma visão geral do potencial cultural de uma região que se afirma em relação a itens definidores de uma identidade local. Finalmente, com o anúncio do registro da Festa de Sant'Ana como patrimônio imaterial, espera-se que o trabalho realizado em paralelo para o Inventário das referências culturais do Seridó possa ser aproveitado para elaboração de outros produtos de ampla divulgação.

Finalmente, importante ressaltar que os nossos interlocutores eram sistematicamente informados que iam participar de uma ação do Ministério da Cultura para fins de registro de um patrimônio cultural. Desta forma, após o encerramento do projeto e o anúncio da elaboração do dossiê para formalização de registro da Festa de Sant'Ana, a equipe era sempre questionada sobre a possibilidade de divulgação dos produtos da pesquisa ou recebia solicitação de pessoas interessadas, mas não tinha autorização para responder às demandas de consulta do material levantado. Se é recomendado que, ao longo do levantamento dos dados, os bens patrimoniais não sejam desapropriados dos sujeitos que os produziram sob pena deles não mais expressarem sua cultura, verificamos que, na prática, a aplicação do INRC e o processo visando o registro de um bem como patrimônio imaterial em nível nacional nem sempre correspondem a estes direcionamentos. De fato, a metodologia possibilita armazenar e sistematizar uma grande quantidade de informações, porém carece de uma perspectiva crítica em relação ao contexto de produção dos dados e não proporciona uma visão reflexiva sobre os resultados do processo como um todo. Além disso, os impecilhos burocráticos colocados pelo órgão responsável - o IPHAN detém os direitos legais sobre o material levantado durante a pesquisa -, impossibilitando a disponibilização imediata das fichas ou dos produtos elaborados (documentários, registros visuais ou sonoros), criam situações de

constrangimento; os integrantes da equipe da pesquisa não tinham como responder às solicitações feitas pelas pessoas que tinham sido entrevistadas. Mais precisamente, a ausência de publicidade, de divulgação do material elaborado e a falta de informação relativa ao andamento do processo de registro da Festa de Sant’Ana gerou, em várias ocasiões, expectativas que não puderam ser satisfeitas. Como o processo foi finalizado após três anos e meio da pesquisa inicial, perdeu-se o fôlego inicial e por isso contou com pouca reação da sociedade local quando do anúncio do registro.¹⁴ Como, durante esses anos, os participantes do INRC não puderam divulgar nenhum tipo de material, se sentindo frustrados, pois não eram autorizados a devolver os resultados da pesquisa da qual participaram, em particular para as pessoas que tinha confiado neles, que não houve nenhuma comunicação oficial feita à equipe sobre a finalização do registro nem houve solenidade realizada na ocasião, pensamos que os objetivos da ação patrimonial foram alcançados parcialmente, pois, no momento da divulgação dos resultados e do anúncio do registro, momento mais importante em que deveria ter uma divulgação ampla do material publicado, não houve nenhum envolvimento da população.

Finalmente, e isto pode representar o aspecto mais complicado para uma pesquisa que contou com financiamento público e com a implicação institucional de pesquisadores vistos localmente como responsáveis do conjunto do processo, a realização do Inventário das Referências Culturais do Seridó não se concretizou com a divulgação dos resultados da pesquisa e ainda não foi encaminhado nenhuma solicitação para registro do Seridó como bem imaterial no livro de “Lugares”. O projeto inicial parece ter sido esquecido e assimilado a uma ação institucional onde os atores e o contexto da pesquisa desaparecem: não consta nenhum tipo de informação sobre como foi realizada a pesquisa e menos da

¹⁴ Da mesma forma, parece um pouco estranho recomendar uma ação de preservação ou “salvaguarda” para as referências culturais que não precisam de um reconhecimento oficial para estarem vivas: no caso da Festa de Sant’Ana, do bordado ou da culinária seridoense – em particular produtos que recebem a ‘marca’ de Caicó, como a carne, o queijo e mesmo o picolé! - parece ser um não-senso, sabendo que, justamente, em nível local, são eles que se destacam por ‘capitalizar’ a identidade sertaneja.

metade dos dados que foram levantados está sendo disponibilizada no site do IPHAN – ainda que, mais uma vez, sem informação prévia sobre a divulgação.¹⁵

Iremos apresentar, agora, alguns elementos apontados durante a pesquisa no que diz respeito às categorias do INRC: celebrações, lugares, ofícios e modos de fazer e formas de expressões, centrando nossa atenção nos elementos mapeados na festa de Sant’Ana. Veremos que existem uma grande quantidade de dados coletados durante a pesquisa que poderiam ser melhor explorados e se desdobrar em vários projetos patrimoniais.

Celebrações: Festas e rituais católicos, festas de rua.

No Seridó, as festas de padroeiro aparecem como momentos importantes da sociabilidade local que são também marcos identitários fortes. Às festas dos santos, agregam-se práticas e discursos que formam um conjunto cultural rico desenhando a identidade da região. É a ocasião para relembrar a história da cidade, reavivar laços de solidariedade fundados na família ampliada, reafirmar valores, e acionar registros específicos da cultura seridoense. A Festa de Sant’Ana de Caicó, realizada anualmente entre o final de julho e o início de agosto, configura-se como a matriz das outras festividades e abre o calendário religioso que se estende até o final do ano, quando ocorrem as celebrações da irmandades negras em louvor a N. Sra. do Rosário.

A “época gloriosa” dos primórdios da colonização no Seridó é constantemente lembrada através dos mitos de fundação, sobretudo a da cidade de Caicó, o qual encena a luta de Sant’Ana e de uma serpente, retratando o difícil processo de evangelização que teve início no período colonial. Há mais de duzentos anos, a festa da padroeira da cidade, mãe de Maria e avó de Jesus, pode ser lida como uma versão ritual do mito de origem: ao enaltecer o caráter religioso do “povo de Caicó”, lembra aos filhos de Sant’Ana a importância da figura feminina (mãe e mestre) na constituição e na vida cotidiana do lugar. Entendemos a dimensão do evento na ocasião da análise das expressões simbólicas ligadas ao mito de fundação da cidade, à sua história e às práticas religiosas tidas como

¹⁵ Assim, um documentário sobre a Festa de Sant’Ana foi filmado durante a festa, em 2007, e ainda não foi divulgado por ser uma das peças constando do dossiê de solicitação do registro.

tradicionais pelos seus seguidores. Tais expressões, inscritas nos monumentos e nos discursos produzidos localmente, revelam a existência de um sentimento de pertencimento ao local fortemente consolidado: veículo da memória e da cultura seridoense, a celebração se destaca entre outros momentos rituais festejados na região.



Figura 6: Fotografia de Procissão solene no ano de 1889.

Foto: Bruno Bourgard.

Fonte: Acervo do Museu do Seridó.

No programa festivo da Festa da senhora Sant’Ana, há uma atividade religiosa conhecida como as Peregrinações Urbanas e Rurais. Trata-se de um acontecimento que precede a festa em um mês e que movimenta muitos devotos de Sant’Ana. Todos os anos, no início do mês de junho, ocorrem as peregrinações. É o momento em que várias imagens da Senhora Sant’Ana deixam a Catedral (através da “missa do envio”). A santa visita às casas e fazendas dos fiéis que se dispõem a recebê-la. A visitação das imagens se realiza com o objetivo de arrecadar fundos para a organização da festa da padroeira e mobilizar as famílias do município para os festejos em devoção à santa.

O primeiro passo é dado pelo Pároco de Sant’Ana que seleciona quem serão os “articuladores” de cada bairro ou de cada distrito. O “articulador” é a pessoa responsável por entrar em contato com as famílias de seu bairro com a finalidade de criar uma rede de visitação da imagem de Sant’Ana. No caso da peregrinação urbana são 47 imagens que seguem o roteiro de peregrinação de casa em casa. Dependendo da quantidade de

pessoas que o dono da casa conseguir mobilizar, a devoção à “Santa’Ana Peregrina” pode ser campal ou numa casa. É o momento de se rezar uma novena, ofertar algum dinheiro na urna de Sant’Ana e se confraternizarem num lanche patrocinado por quem acolheu a peregrinação. Em seguida a imagem sai em cortejo para “dormir” na próxima casa do circuito.

Já na peregrinação rural, a imagem circula desloca-se para cada distrito, que por sua vez é conduzida pelas fazendas do lugar. Acontecem as novenas, as missas acompanhadas de leilões, de venda de bebidas e comidas, momento em que se arrecadam fundos para a festa maior. No geral, as peregrinações mobilizam cerca de 20 mil pessoas, até extrapolando os limites de Caicó. As peregrinações terminam oficialmente às vésperas do início da festa em uma grande reunião dos peregrinos e das imagens circularam no campo e na cidade. Muitos peregrinos advém da “Caminhada de Sant’Ana” que começa na cidade de Acari e dali empreendem uma marcha a pé até Caicó, percorrendo uma distância de aproximadamente 68 quilômetros seguindo a rodovia estadual RN-288. No cruzamento da Avenida Seridó com a Avenida Cel. Martiniano ocorre o “Encontro das Imagens” e dos peregrinos que seguem juntos até a Catedral onde o pároco reza uma missa de ação de graças endereçada a todos os “peregrinos de Santa’Ana” e a todas as famílias que hospedaram em seus lares a imagem da santa. O padre recebe as imagens de volta para assim poder abrir oficialmente mais uma Festa de Sant’Ana.

Da mesma forma como há uma preparação cerimonial para o início da Festa de Santa’Ana, há também uma série de eventos que anunciam o seu encerramento: Missa Solene, Preparação do Andor, Procissão de Encerramento e o “Beija”. A missa mais importante da festa acontece sempre no último domingo. É um momento solene em memória ao dia de Sant’Ana, ápice da religiosidade na Catedral e ainda um momento de preparação para a Procissão de Encerramento. A missa começa às dez horas e finda por volta do meio-dia. A igreja não contém todos os fiéis, muitos tentam assistir a cerimônia até mesmo do lado de fora da Catedral. É na Missa Solene que muitos devotos aproveitam para pagar promessas. A ornamentação do altar e da igreja fica diferenciada dos demais dias da festa, com especial decoração de enfeites e flores a igreja fica no maior esplendor. Todo esse aparato é acompanhado das vestes solenes dos celebrantes e das roupas vistosas que as famílias importantes fazem questão de ostentar. Algumas pessoas assistem a missa de pés descalços ou vestindo roupa branca. São inúmeros os meios de se diferenciar e assim cumprir o pagamento votivo. A Missa é também um momento de

agradecimento por mais um ano de festa de Sant'Ana. É transmitida através das maiores rádios da região do Seridó.

A preparação do andor acontece logo após o termino da Missa Solene. A catedral é fechada e o andor entra na igreja. É o único momento, até aquele dia de festa, em que a imagem da senhora Sant'Ana desce do seu altar. Os responsáveis pela ornamentação do andor começam a trabalhar, decorando a santa com flores brancas e amarelas, perfumes etc. O andor que conduzirá a imagem da santa fica pronto para sair da igreja e irá percorrer as ruas de Caicó. Finalmente, a procissão final da festa de Sant'Ana de Caicó é o maior momento religioso de todos os festejos da padroeira dos seridoenses católicos. Fotografias datadas de 1898 já atestam sua grandiosidade no passado. A cada ano esta celebração agrega um número maior de participantes oriundos de diversos lugares. Desde a saída da matriz até retornar para o largo da catedral onde é celebrada uma missa campal, a devoção a Sant'Ana pode ser vista nas ruas da cidade.¹⁶ Hoje, os fiéis que não podem ir até Caicó acompanham o desenrolar da festa pela internet, através dos diferentes sites e dos registros visuais disponibilizados pelos filhos de Sant'Ana mais habilidosos na arte virtual.

Pede-se aos moradores das ruas e avenidas por onde o cortejo da procissão passar para sejam retirados carros ou qualquer objeto que possa atrapalhar a celebração. Em virtude do grande número de pessoas presente a esta manifestação religiosa são utilizados carros de som para animar os fiéis com orações, jaculatórias, cânticos e saudações, assim com para exortar o rumo do séquito de Sant'Ana. O cuidado é necessário pois forma-se um verdadeiro tapete humano disposto nas ruas de Caicó. Todas as vias públicas por onde passam a procissão ficam lotadas, das ruas ao largo da catedral. Todos se irmanam num único elo, o da devoção a Sant'Ana. A procissão apresenta a seguinte

¹⁶ O cortejo inicia-se sempre às 16h30min quando a multidão devota percorre as principais ruas e avenidas da cidade de Caicó. A Procissão de Encerramento da festa de 2007 seguiu o seguinte itinerário: Av. Seridó, Rua Pedro Velho, Av. Celso Dantas e Av. Cel. Martiniano, retornando pela Av. Seridó até chegar a Catedral de Sant'Ana. Nesse percurso há lugares de memória que possuem uma significação especial para o povo de Caicó como: a Catedral de Sant'Ana; a Praça da Matriz; a Praça da Liberdade; o Mercado Público; o cruzamento da Avenida Seridó com a Avenida Coronel Martiniano; o Grupo Escolar Senador Guerra e a Prefeitura de Caicó.

composição: batedores da polícia militar e grupo de escoteiros abrindo o cortejo, juntamente com duas fileiras formadas por associações e pastorais religiosas, grupos de escoteiros, condutores de estandartes e bandeiras. Seguem a imagem de São Joaquim, o clero, banda de música e autoridades locais. Logo após, a imagem de Sant'Ana arrebanhando o povo com o disputadíssimo andor acompanhado pelo mar de fiéis.

Feito este percurso, celebrado com o repicar dos sinos e fogos, ao chegar à matriz, é celebrada a missa campal e em seguida a imagem retorna no interior da igreja. Lá a representação da santa ficará disponível para veneração mais próxima através do “beija” da imagem que só tornará a fazer este percurso no ano seguinte. O “beija” é o momento final da festa, quando a imagem de Sant'Ana é exposta para gestos votivos e os devotos vão em busca de uma flor que ornamenta o andor. Nesse momento os piedosos também fazem uma oferta especial em dinheiro à Sant'Ana. É um momento de muita euforia, as pessoas literalmente “brigam” umas com as outras para conseguir levar uma flor para suas casas. Flores guardadas como relíquias e substituídas somente na próxima festa de Sant'Ana.



Figura 7: Fotografia de fiéis de Sant'Ana na matriz no dia da procissão.

Fonte: Acervo INRC/NCCEN, 2007.

A importância histórica, cultural e social atribuída à Festa de Sant'Ana corresponde à cristalização dos registros memoriais e das práticas de sociabilidade: ao revivificar os laços centrados na família cristã, os seridoenses elegem elementos representativos da “sua” tradição como o artesanato de bordados, as comidas “típicas” ou as melodias tocadas pelas bandas de música durante as alvoradas. Assim, a festa de Sant'Ana de Caicó se projeta como a expressão por excelência da cultura e da identidade do Seridó. De fato, a festa aparece como sendo um bom observatório da realidade social e através dela, podemos entender as mudanças sociais ocorridas recentemente com a patrimonialização da figura da santa, com a proposta da festa representar a região, com a atuação de agentes de órgãos culturais ou de representantes políticos e a interiorização do turismo no estado.

Por ser a maior do gênero e por aglutinar os elementos mais representativos da “cultura seridoense”, a festa foi visualizada como um elemento importante do patrimônio imaterial do Seridó. Assim, torna-se relevante do ponto de vista cultural, histórico e social, pois é um dos principais veículo da memória e da identidade coletiva, em especial os relacionados com as expressões ligadas à fé católica. Para compreender o significado dessa festa enquanto patrimônio cultural, priorizamos o estudo das expressões simbólicas ligadas tanto ao mito de fundação da cidade quanto às práticas religiosas tradicionais presentes hoje. Tais expressões, inscritas nos discursos produzidos localmente, nos permitem perceber a existência de um sentimento de identidade fortemente consolidado a nível local.

Lugares

Ao repensar o “espaço”, Michel de Certeau (1994) o define como lugar praticado a partir dos seus usos sociais, pois os atores significam e ressignificam o “lugar” dando-lhe movimento e construindo-lhe os significados. Desta forma, elegemos as igrejas, as praças e os monumentos associados às festas de padroeiro como o Arco do Triunfo, a Praça da Liberdade, o Poço de Sant’Ana, a Ilha de Sant’Ana em Caicó. São como espaços onde acontece a festa comunitária e ganham novas dimensões a partir das práticas instituídas. Ocupam lugares, elegem territórios sagrados, reinventam formas de sociabilidade com os quais se identificam e exercem suas práticas sociais.

Entre as múltiplas atividades exercidas durante a festa, esses lugares transformam-se num novo “espaço” que envolve uma rede de sociabilidade envolta num emaranhado de novos significados que a cidade incorpora. São espaços nos quais o profano e o sagrado se mesclam; neles, os devotos, os visitantes e a população em geral consolidam laços de sociabilidade e reafirmam uma identidade local construída, sobretudo, no sentimento do “sentir-se caicoense” e de pertencer à “família Seridoense” no compartilhamento de uma devoção religiosa. É comum observarmos que Caicó é pensada como uma cidade com fortes referências culturais, como um “povo hospitaleiro, generoso e muito religioso”. A antiga Vila do Príncipe caracteriza-se, para utilizarmos uma noção desenvolvida por Marc Augé (1994: 31), como “o lugar antropológico” representado na construção concreta e simbólica do espaço que os indivíduos reivindicam como seus. Lugar, ainda, que sintetiza a cultura, a identidade, as relações sociais e a história da cidade.

Nesse sentido, a cada ano que passa, a Festa de Sant'Ana adquire novas dimensões, configurando-se num cenário renovado, ressignificado e atualizado pela memória coletiva que se faz presente nas práticas devocionais e nas reuniões das famílias caicoenses.



Figura 8: Fotografia de cavalgada na festa de Sant'Ana.

Fonte: Fonte: Acervo INRC/NCCEN, 2007.

Dois eventos permitem entender como a festa se inscreve na cidade: a Cavalgada de Sant'Ana, realizada na Praça da Matriz, expressão da “fé do homem do campo”, reúne vaqueiros e pequenos proprietários rurais no primeiro domingo da Festa. A “Feirinha” que acontece na quinta-feira no centro da cidade e o ponto de encontro entre peregrinos e turistas, moradores da cidade e migrantes, os chamados “caicoenses ausentes”. Visualizamos claramente a estratificação da sociedade caicoense: os filhos das famílias mais abastadas disputam com o grande público os espaços cobiçados da praça pública durante as noites animadas por bandas regionais de forró. Representantes da política local

e regional não deixam de participarem desse momento de grande visibilidade social.¹⁷ A Ilha, onde é localizada o Poço de Sant'Ana, com o Serrote da Cruz e a Capelinha de São Sebastião compõe o cenário festivo e simboliza a história da cidade que é lembrada a todo instante.

Ora integradora, ora segregadora, a parte profana é intensamente vivenciada por toda a população celebrante. O conagraçamento tem maior porosidade na proporção direta da gratuidade de acesso às festividades. Em eventos de franco ingresso como a “Calvalgada de Sant'Ana”, expressão da “fé do homem do campo”, que reúne vaqueiros e pequenos proprietários rurais na Praça da Matriz no primeiro domingo da Festa. A imensa quermesse, que extrapolou o nome que até hoje guarda de “Feirinha de Sant'Ana” e ocupa todo o centro histórico da cidade, no entorno da Matriz. Evidentemente que este conagraçamento também depende das possibilidades de consumo que cada grupo social possui, do estilo de vida etc, efeitos que interferem em suas interseções, tangenciamentos, convivências e repulsas. Na cavalgada e quermesse os grupos podem ter todas estas disposições. Talvez, somente a denominada “Festa dos Coroas”, baile considerado de “elite”, voltado para um público mais maduro etariamente, o acesso restritivo se configure de maneira explícita: primeiro pelo preço francamente excludente e segundo pela etiqueta (roupas formais, consumo de bebidas e comidas de luxo). Aí, o público se limita ao que a festa se propõe: entra quem pode pagar.

A matriz, localizada no centro da cidade, concentra as atividades religiosas da festa. Do ponto de vista das atividades organizadas pela Igreja local, as celebrações mais importantes da Festa, são as Missas de Abertura, realizada na quarta-feira, e a Missa Solene celebrada às 10 horas da manhã no último domingo da festa. Em seguida a igreja é fechada para a ornamentação do andor que conduzirá a imagem da santa em procissão. Ápice da festividade que antecede o momento final da festa, a procissão reúne peregrinos, população local, autoridades religiosas e civis, percorrendo as principais ruas da cidade: uma multidão de fiéis acompanha o andor de Nossa Senhora, pagando promessas, entoando cantos e orações. Após o cortejo, há uma missa campal, seguida da exposição da imagem da Santa para veneração, com o tradicional “beija”, que é um momento de euforia em que o fiel deposita a sua última oferenda em dinheiro e, em troca traz consigo flores que ornamentaram o andor. Essas serão guardadas como lembrança da festa e objeto sagrado.

¹⁷ O “Baile dos Coroas”, evento que prestigia a elite caicoense, é outro momento importante das festividades profanas, foi também contemplado no Inventário.

Apesar de ter permanecido por algum tempo sem acontecer durante a Festa de Sant'Ana, a Cavalgada teve seu retorno em 2002, percorrendo as principais artérias da cidade. Sem ter uma cronologia específica, este evento em homenagem à Sant'Ana encena a festa tradicional como era realizada até os meados da década de 1950, quando grande parte da população de Caicó habitava o campo e não tinha carros. Com a popularização de veículos, esta manifestação deixou de ocorrer e foram surgindo outras formas de homenagem como a Carreata de Sant'Ana. Voltando ao cenário das festividades no século XXI, a Cavalgada de Sant'Ana além de simbolizar uma homenagem a Padroeira, integra em seu percurso lugares de memória como o Mercado Público, a Praça da Liberdade, a Praça da Matriz e a própria Catedral. Seu percurso se inicia no Parque de Exposições localizado na BR-427, seguindo rumo ao Bairro Paraíba, passando pelo Batalhão de Engenharia e Construção, Centro Cultural Adjuto Dias, Cemitério São Vicente de Paula, Praça Dom José Delgado e Colégio Diocesano Seridoense. O percurso continua rumo a Avenida Coronel Martiniano e Avenida Seridó com destino a Catedral de Sant'Ana. Com a chegada à Catedral ocorre a bênção dos cavaleiros e dos animais. Participam da Cavalgada vaqueiros e boiadeiros de Caicó e da região do Seridó, conduzindo durante todo o percurso estandartes, soltando girândolas acompanhadas por músicas religiosas, preces e aboios.

A Catedral de Sant'Ana forma um conjunto com a Praça da Matriz e o Arco do Triunfo. Além de ser considerado um dos cartões-postais da cidade, o Largo da Catedral como não poderia deixar de ser é palco para a realização de grandes celebrações religiosas e culturais. Uma das tradições da Festa de Sant'Ana em sua face sócio-cultural que atrai grande população à cidade é a Feirinha de Sant'Ana que ocorre na quinta-feira da segunda semana da festa e muda todo o cotidiano citadino. A Feirinha é realizada na Praça da Matriz e se expande pela Praça da Liberdade e por partes da Avenida Seridó. O maior número de pessoas se concentra na Praça da Matriz sendo esta um lugar de sociabilidade, de reencontros e de confraternizações, da criação dos que se congratulam neste espaço de um sentimento de pertença. A festa teria iniciado a partir da iniciativa de um grupo de mulheres que tiveram a idéia de vender algumas comidas típicas como galinha caipira, bolos e filhós na feira semanal, sendo o lucro dos produtos revertido para a Igreja. Com o decorrer do tempo a Feirinha tornou-se um dos símbolos da Festa de Sant'Ana, reaproximando os filhos de Sant'Ana que estavam longe de Caicó, promovendo encontros entre os caicoenses ausentes, peregrinos e turistas que, na ocasião, revisitam a cidade e apreciam o sabor da culinária seridoense e praticam sua fé. Desta forma, a Cavalgada, a

Feirinha, a Ilha e o largo de Sant’Ana se caracterizam como lugares e eventos durante os quais se reinventam e são reafirmados a identidade e a cultura da cidade de Caicó que se projeta como capital da região do Seridó, sede da padroeira, mãe e mestre de todos, Sant’Ana.

Comidas festivas e comidas “típicas” do Seridó potiguar

A culinária do Seridó Potiguar é composta por uma variedade de comidas que eram ligadas à uma economia doméstica tradicionalmente organizada em torno da produção agrícola e da pecuária. Existem as comidas do cotidiano e àquelas mais requisitadas e saboreadas durante as festividades e outros momentos excepcionais. Pratos salgados e doces que servem as refeições das famílias são elaborados com mais frequência no ensejo de festas de padroeiro: para recepcionar parentes que moram longe da cidade natal, para comemorar aniversários, casamentos e batizados e em outras datas especiais, como as festas de fim de ano e Natal. As principais “comidas festivas” presentes na culinária de Caicó que são degustadas ao longo da Festa de Sant’Ana figuram pratos tradicionais como a buchada, a panelada, a fritada, a galinha caipira, a carne de criação e de porco torrada, a paçoca de carne de sol, os queijos de manteiga e de coalho, os biscoitos (raivas, sequilhos, palitos) e os doces, como o chouriço e os filhoses guarnecidos com mel de engenho.

O modo de preparação e de feitura das comidas de festas é parte do ofício das cozinheiras; um saber-fazer compartilhado pelas mulheres do Seridó e de outras regiões do Nordeste brasileiro. Transmitido e aprendido na convivência do ambiente familiar, passando as receitas de geração em geração, da cozinha ao terreiro, esse saber-fazer continua vigente, apesar de manifestar em menor intensidade do que outrora. Como normalmente as cozinheiras reproduzem a receita que lhe foram transmitida, por uma mulher da sua família (avó, mãe, tia, irmã) ou do seu convívio (vizinha, amiga, “conhecida”), não é de se estranhar que cada prato preparado apresenta um sabor e um aroma singular que é facilmente reconhecido pelos comensais. As festas de padroeiro, em especial, a de Sant’Ana, se constitui como um momento ideal para os caicoenses, assim como a outros sertanejos, de viverem o passado no presente ao saborearem as apetitosas comidas ligadas a uma memória familiar. Apesar de muitas sertanejas e, alguns sertanejos,

dominarem esse saber, existe aquelas que se especializam na profissão e passam a ser convidadas e / ou contratadas para preparar o cardápio de festas familiares e comunitárias onde se encontram as “comidas festivas”. São conhecidas por “fazendeiras de festa” ou cozinheiras. Dependendo do desempenho na feitura das comidas e da satisfação dos comensais, elas podem conseguir fama e construir um “meio de vida”.



Figura 9: Fotografia de biscoitos palitos.

Fonte: Acervo INRC/NCCEN, 2007.

No passado, com raríssimas exceções, o ofício de doceira e o modo de feitura de chouriço, filhoses, biscoitos de goma de mandioca, assim como de outras guloseimas da doçaria seridoense, era reservado às mulheres, como outras atividades culinárias e domésticas. Tratava-se de um saber-fazer praticamente assistemático, aprendido e transmitido no seio familiar, onde as doceiras, ainda meninas, iniciavam-se na doçaria. Era exigido esmero e dedicação na feitura dos quitutes, sob pena de se pôr em risco a reputação da família. Em clima familiar, algumas mulheres não se contentavam com a simples reprodução de “receitas da vovó” e inventavam novas receitas e combinações a

partir dos ingredientes disponíveis. Com o passar do tempo, esse saber-fazer vem sendo acumulado e transformado com novos produtos e novas tecnologias. Hoje, grande parte do que é produzido é comercializado na região e exportada para outras cidades com o selo de qualidade associado ao produto oriundo de “Caicó”, do “Seridó” ou ainda do “Sertão”. Trata-se de uma atividade que vem crescendo e que gera renda para a economia doméstica, um crescimento diretamente associado à valorização das “coisas da terra” no mercado regional e nacional.

De outro lado, a preparação da carne de sol e fabricação dos queijos e sua comercialização pertence ao universo dos homens, mesmo se algumas mulheres fabricam queijo. O ofício de queijeiro e o modo de feitura dos queijos de coalho e de manteiga constituem um saber relacionado ao ciclo da pecuária no sertão nordestino. A produção de queijo é uma fonte de renda familiar, complementar ou integral, que termina por envolver diversos membros do grupo doméstico. No imaginário coletivo, os queijos de coalho e de manteiga artesanais são associadas as comidas « tipicamente nordestinas », ingredientes obrigatórios das especialidades da culinária local. Essas iguarias são saboreadas frescas, assadas, como “tempero” ou acompanhamento de alguns pratos regionais. Com a fabricação industrializada dos queijos, um fenômeno surgido nas últimas décadas, os modos de feitura sofreram algumas modificações. Buscando ajustarem-se às normas da vigilância sanitária e dos mercados consumidores, muitos queijeiros passaram a seguir uma padronização em seus produtos, quanto à forma, ao peso e à embalagem. A despeito dessas modificações, alguns ainda mantêm as formas e apresentações de acordo com as técnicas e regras tradicionais.

Todos os recursos materiais necessários para a preparação de pratos para refeições familiares, dos doces, biscoitos, ou queijos envolve geralmente o trabalho de membros da família e de “ajudantes”, os quais recebem salário pelo serviço prestado. As mulheres continuam à frente do segmento de produção alimentar doméstico e artesanal – com a exceção dos queijos e da carne -, mas se nota uma crescente participação dos homens. São elas que detêm o controle da elaboração das comidas, da fabricação e da comercialização dos doces e biscoitos, em parceria com familiares. Apesar da participação dos ajudantes na feitura dos “doces”, dos queijos e dos pratos, são as marcas das mulheres que ficam impressas nas guloseimas e que são associados às receitas. É pelo nome delas que os produtos são conhecidos. O estudo da importância dessa atividade e de sua relevância para a economia familiar ainda está por ser feito.

Nessa perspectiva, entendemos que o estudo das práticas alimentares seridoenses revela uma economia doméstica, formas de organização social, de sociabilidade e de solidariedade, um estilo alimentar e comportamentos alimentares.

Formas de expressão

Encontramos, ao longo da pesquisa, três principais formas de expressões, a saber a tradição oral, as formas de devoção e as bandas de música.

A tradição oral se configura uma das maiores expressões da cultura local, destacando-se pela sua riqueza e diversidade. No conjunto das narrativas coletadas, as histórias de alma e de botija são entre as mais numerosas, trazem à tona a lembrança de personagens, lugares e acontecimentos ligados ao sobrenatural (histórias de assombração, de alma, de botija). São tesouros que foram enterrados pelos ancestrais, pessoas egoístas que escondiam os bens que possuíam para não ter que dividi-los nem com as pessoas da família; a avareza os transformou em almas penadas. Geralmente, as almas visitam os moradores das suas antigas casas para revelar o esconderijo do tesouro. Acordam a pessoa balançando a rede, puxando a roupa, sussurrando palavras no ouvido da pessoa escolhida.¹⁸ Precisa ter cuidado antes de ‘arrancar uma botija’ pois o tesouro pode se transformar em carvão se não respeitar os procedimentos adequados: não se pode comentar o sonho, não pode levar ninguém nem olhar para trás. Enquanto a botija não for encontrada, a alma permanece vagando na terra até que alguém ‘de bom coração’ e sem ganância descubra e desenterre o tesouro e liberte-a. Se os procedimentos não são realizados adequadamente, a botija se transforme em algo sem valor como areia ou carvão, até que aquela alma os ofereça para outra pessoa.

Outras histórias se aproximam do universo narrativo do cordel: episódios históricos marcantes como a fundação da cidade, a construção da igreja, uma epidemia ou a presença de cangaceiros na região são relatados e fixados pela memória (Cavignac, 2006).

¹⁸ Alguns dos nossos interlocutores fazem uma descrição minuciosa da aparição noturna: aparência física, detalhes da roupa, modalidade da aparição, etc.

As histórias contadas remetem geralmente a uma temporalidade mítica nas quais, freqüentemente, aparecem referências a reinos encantados e seres imaginários que interagem com os humanos. Reinos encantados, botijas, almas, vozes do além, gigantes, monstros com cabeça de gente, etc. são os elementos que são presentes na tradição oral. O mundo sobrenatural é evocado junto com acontecimentos cotidianos. Os relatos de fundação das cidades colocam em cena os colonos que entraram num espaço ainda selvagem: são fazendeiros, vaqueiros, caçadores, tropeiros cujas aventuras levam a um universo desconhecido onde a manifestação dos poderes de um santo ajuda a resolver todas as dificuldades com que se defrontam; é o caso das cidades de Caicó e de Acari¹⁹. Retrato de uma história esquecida, a versão de Manoel Dantas (1941, p.97) lembra a presença indígena: no início da colonização, a entidade sobrenatural dos índios apare sob a forma de um touro; na ocasião, o espírito dos índios é expulso da floresta e, em algumas versões, transforma-se numa enorme serpente que irá instalar-se no poço. Se este secar ou se uma cheia muito forte fizer a água subir até o campanário da igreja, a cidade será destruída. Essa serpente – em outras versões coletadas, são duas baleias -, dona das águas subterrâneas, mora numa gruta; quando a serpente morrer, a cidade será recoberta pelas águas. A versão mais completa da narrativa contém pelo menos dois mitos: um primeiro, informa sobre a origem da cidade, que põe em cena os inícios da colonização onde dois representantes do divino se confrontam – Sant’Ana e Tupã –, ambos utilizando o milagre como arma. Um segundo mito pode-se ler nas entrelinhas: a ameaça dos índios continua presente através da possível destruição da cidade pela seca ou pela inundação. A divindade indígena metamorfoseada num animal feroz – touro (animal terrestre), cobra ou baleias (animais aquáticos) – apresenta as características dos ancestrais primordiais;

¹⁹ Historicamente, a capela primitiva foi erigida, em 1695, nas proximidades da Casa Forte do Cuó (ou Acauã), à época da “Guerra dos Bárbaros” (1683-1697), pelo comandante das tropas militares e seus ajudantes que combatiam os gentios rebelados. o Arraial do Queiquó (1700) pelo Coronel de Cavalaria Manuel de Souza Forte, depois elevado à Povoação do Caicó (1735), à Vila Nova do Príncipe (1788) e à Cidade do Príncipe (1868), para ser denominada Seridó (1890) e, finalmente, Caicó (1890).

metamorfosados em animais ou transformados em almas, os índios habitam as florestas, controlam os pontos de água, moram por debaixo da terra, são donos das forças da natureza. Esses detalhes ressaltam a autoctonia da ‘santa do Seridó’²⁰ que defende incansavelmente seus filhos dos ataques da natureza.

A revelação dos poderes sobrenaturais, manifestações do ‘tempo antigo’ se dá sob a forma de uma aparição milagrosa, de uma manifestação do além ou de um sonho; ponto de partida para a construção de uma capela que se tornará local de celebrações religiosas. Assim, como no mito de Sant’Ana contado ad nauseam durante a festa aos visitantes que ignoram a história fundante, os lugares definidores de identidade local (igrejas, centros de romaria, cemitérios, túneis, árvores, lagoas ou montanhas encantadas, etc.) são associados aos fenômenos sobrenaturais e se constituem em lugares de memória (NORA, 1984). Dessa forma, o mito de origem da cidade e sua história aparecem como elementos significativos para compreender as manifestações festivas do local. A memória, produtora de ‘identidade’, seja ela individual, familiar ou do grupo é reativada periodicamente (Pollak, 1989). A realização da “maior festa do Seridó” acompanha de perto a narrativa que encena a fundação da cidade²¹: suportes de um discurso sobre o passado, os atos de fé dos “filhos de Sant’Ana” ilustram as narrativas que darão origem à cidade, sejam elas escritas ou orais, eruditas ou populares. Os rituais religiosos reafirmam o mito de fundação de Caicó, revelam a presença de forças sobrenaturais anteriores ao contato e servem de suporte da memória local, pois, revelam “uma outra história, mais longínqua e confusa que merece nossa atenção. Esta conserva as marcas do contato e da imbricação definitiva de uma tradição européia nas cosmologias e usos dessas populações” (Galinier, 1993, p. 286). Essas narrativas atemporais revelam ainda um passado esquecido, enterrado e escondido nas furnas e nas serras repletas de perigos e de almas; realidade invisível que se desvenda na palavra. Estranhamos ao perceber que os registros narrativos são pouco valorizados pelos próprios narradores: esses hesitam em se pronunciar sobre assuntos tão irrelevantes, pois são “mentiras dos antigos”. Ou será justamente o contrário? Quando levados a sério e analisados em conjunto, os relatos informam sobre imagens que dizem respeito ao passado e à origem da cidade.

²⁰ O nome de Sant’Ana é onipresente na paisagem natural e nas cidades seridoenses: Serra de Santana, Ilha de Santana, Poço de Santana, Barra de Santana, Santana do Seridó.

²¹ Como nos ensina Claude Lévi-Strauss, é interessante analisar conjuntamente as diferentes expressões simbólicas (Lévi-Strauss 1974, 1989: 29-30).



Figura 10: Fotografia de devoto de Sant'Ana após a festa (Caicó)

Fonte: Acervo INRC/NCCEN, 2007.

Encontramos a ocorrência de cultos locais e a presença de santuários não oficiais que foram reconhecidos posteriormente pela igreja, devido ao sucesso dessas manifestações religiosas. Humanos – pessoas que morrem de acidente ou de forma violenta – terminam por serem incluídos no panteão e são considerados verdadeiros santos, à imagem de Padre Cícero ou Frei Damião. As práticas devocionais dedicadas aos santos católicos oferecem um modelo para essas novas: São Francisco, Santa Rita e Santa Luzia, Nossa Senhora, Nosso Senhor Jesus Cristo podem ser associados aos novos cultos. Entre os santuários mais conhecidos no Seridó são o Monte do Galo, o santuário de Santa Rita (cruz de Joana Turuba), em Carnaúba dos Dantas, e, em menor grau, o cemitério das Cruzes em Carnaúba, da cruz do escravo, em Boa Vista, da cruz da menina em Jardim do Seridó, ou do Cruzeiro das Almas, em Cruzeta.

O devoto é protegido pelo “seu” santo, veste suas roupas, adota suas cores – azul e branco, para as mulheres que se identificam com Nossa Senhora e marrom para os homens devotos de São Francisco. Graças a esta proteção, o fiel alcança várias graças ao longo da sua existência. A fé dos devotos é vivida no cotidiano, tornando-se uma das principais atividades do fiel. A crença é, antes de tudo, uma prática devocional que visa a produzir um efeito concreto na vida real. Muitas vezes uma melhoria de condição financeira ou uma cura milagrosa é solicitada. O “pacto” é estabelecido entre o santo e o devoto através uma promessa que é renovada a cada ano. O laço estabelecido entre o devoto e ‘seu santo’ nunca é rompido e determina as ações e as escolhas na vida do fiel.

Mas os santos precisam de ‘casas’: com as construções das capelas para homenageá-los, novos devotos se agregam ao grupo ativo de católicos e a devoção individual ou familiar torna-se coletiva. Os festejos em homenagem aos santos movimentam o bairro: reuniões de planejamento e atividades visando arrecadar fundos são organizadas. As práticas e os atos devocionais geralmente tem a sua frente mulheres de idade que tem uma participação ativa na vida da igreja local: são ainda incentivadoras de eventos visando arrecadar fundos para a construção e a manutenção das capelas e das despesas (bingos, desfiles, festas). Participam das instancias das irmandades, da organização das festas comunitárias e dos conselhos administrativos da igreja. Assim, as celebrações religiosas, como as missas, as novenas ou as orações comunitárias são momentos de intensa sociabilidade. Com a introdução da divulgação das festas de padroeiro, como a de Sant’Ana via internet, o público aumenta consideravelmente e surgem novas modalidades de devoção.

Finalmente, é impossível falar das festas de padroeiro sem evocar as bandas de música que ocupam um lugar de destaque na vida social do Seridó. Nas suas primeiras formações, as bandas tinham, antes de tudo, um caráter lúdico e os seus membros se reuniam apenas algumas vezes por ano para os ensaios. As bandas surgiram no Seridó entre o final do século XIX e o início do século XX para acompanhar as celebrações religiosas da cidade (festas de padroeiros, comícios e outras reuniões públicas). Hoje, conhecem uma revitalização, pois quase todas as cidades do Seridó possuem uma banda própria que participa de concursos locais e se apresenta em reuniões públicas. Além das bandas de música desempenhar um importante papel social, pois se transformaram numa ferramenta de aprendizado da música, oferecendo aulas de musicalização e ocasião de lazer para os mais jovens, elas proporcionam uma mudança de vida significativa para as pessoas que ingressam nela, sobretudo para as crianças e os adolescentes que

desenvolvem atividades educativas e encontram novas perspectivas para o futuro. Os primeiros mestres da música seridoense atuaram em Acari, como Manuel Bezerra de Araújo Galvão (1838-1922), Tonheca Dantas – “o imortal” - (1870-1940) e Felinto Lúcio (1898-1986). O nome do maestro Felinto Lúcio Dantas, originário de Carnaúba dos Dantas é também lembrado pela Filarmônica e a Associação musical de Acari que foram batizadas com o seu nome, em reconhecimento ao seu trabalho que inclui composições executadas até hoje no Vaticano, e em outras partes do mundo.

Assim, as bandas de música, as praticas devocionais e a tradição oral, se destacam como sendo as principais formas de expressão do patrimônio cultural seridoense.

O Patrimônio imaterial no Seridó

O mapeamento das referências culturais do Seridó se inscreve no recente esforço desenvolvido pelo IPHAN visando adequar suas produções a uma legislação internacional na questão do patrimônio imaterial e na sua tentativa em ampliar suas ações patrimoniais em todo o território brasileiro. Verificamos como essa tarefa se revela difícil, com o exemplo da Festa de Sant’Ana, manifestação inscrita no presente da sociedade seridoense e no conjunto de outros ‘bens’ culturais, como sendo uma das possíveis traduções da identidade e da cultura local. A nossa experiência recente revela incompreensões existentes entre os diversos setores encarregados do estudo e da divulgação da cultura em diferentes níveis. Em grande parte, essas dificuldades são ligadas a incompreensões entre os agentes locais da cultura e uma lógica interna ao órgão do Ministério da Cultura.

De fato, os processos de identificação, valorização e compartilhamento dos bens culturais iniciaram com o registro de patrimônio construído, o que deixou uma marca permanente na concepção das políticas de salvaguarda patrimoniais. No entanto, com o recente interesse institucional para os bens imateriais, verificamos que no Brasil, como em outros contextos nacionais, a noção de «patrimônio cultural imaterial» alarga simplesmente o conteúdo tradicional reservado ao folclore, sem que haja uma reflexão crítica e que os grupos associados aos bens sejam realmente levados em conta (Fabre, 2006, p. 2). As primeiras atenções visando o registro do patrimônio imaterial se voltaram para as “práticas tradicionais” associadas a uma cultura material de um grupo social identificado e que se reconhece como tal: a técnica das artesãs, as comidas rituais dos

afro-descendentes, as pinturas corporais indígenas, etc. Constatamos que os saberes orais são reconhecidos apenas como sendo o veículo que possibilite a transmissão e a reprodução de um conjunto heteróclito composto por festas, músicas, comidas, conhecimentos, gestos, lugares, etc.: conjunto que, por sua vez, precisa ser ordenado e que é denominado como tal para os fins de registro numa das categorias patrimoniais. O uso de um termo genérico, “cultura”, possibilite escapar desta tentativa de racionalização forçada e da valorização da cultura embutida no vocábulo “bem”. Precisaria aprofundar a reflexão sobre os novos embates da cultura, entre outros, o da redescoberta da história pelos grupos que afirmam e instrumentalizam “sua cultura” (Cunha, 2009).

Na verdade, precisaria inverter a visão institucionalizada da cultura pois as expressões orais (e escritas, porque não?) aparecem como o “cimento” da cultura, a principal referência a partir da qual os outros “bens” irão fazer sentido para um suposto grupo que se reconhece como tal por aderir às mesmas referências culturais. Assim, no nosso caso, as lendas de fundação são saberes orais constituídos que explicam as festas e as práticas devocionais e poderia se estender aos contos, às histórias de trancoso, às piadas ou aos trava-linguas, pois se constituem em registros narrativos diferenciados. De fato, a oralidade continua sendo entendida como a expressão implícita e natural de uma tradição cultural, por definição restrita a um grupo, e por isso, não consegue atingir à categoria de ‘referência cultural’; dessa forma, não tem seu lugar nos inventários nem na metodologia elaborada pelo IPHAN. Porém, verificamos em campo que as formas narrativas da literatura oral se destacam como categorias autônomas no livro das expressões: o mapeamento e o registro da tradição oral como um bem autônomo dos demais complementar e enriqueceria o inventário da cultura imaterial. Assim, percebemos que a marca da materialidade continua forte na concepção institucional da cultura e conserva a visão romântica de uma nação em busca da sua unidade e da sua “essência”; é como se, apesar das diretrizes constando na metodologia do INRC, o que interessa antes de tudo o órgão responsável do registro, o Iphan, é a possibilidade de a cultura aparecer sob sua forma material, ser “objetivada” e classificada em categorias com fins de definição de uma identidade brasileira. A inscrição nos “livros” do patrimônio cultural nacional dá um peso e uma idade (pelo menos a partir da data do registro!) a algo que, geralmente, é feito sem ser racionalizado, sem saber da sua origem precisa e ainda menos sem ser escrito: o registro do patrimônio imaterial aparece, no final do processo, como um ato burocrático, acompanhando uma lógica institucional, um ato autoritário, pois acontece longe do

alcance dos seus “produtores”, decisão tomada por agentes anônimos, invisíveis e sem voz. Por sua vez, quando os esforços institucionais são reconhecidos pelos grupos que “produzem” os bens culturais, o registro é geralmente associado ao tombamento dos monumentos de pedra e cal, e soa aos ouvidos dos neófitos apressados como sendo a entrada da manifestação cultural para um museu de folclore. Recentemente, os registros do samba, do frevo e da capoeira parecem mudar essa imagem e adequar-se melhor à idéia dos idealizadores do patrimônio imaterial. Trouxe à tona expressões de uma brasilidade – mais uma vez supostamente incontestada -, associadas agora a uma herança afro-brasileira e não mais unicamente “popular”, movimento que foi acompanhado de um debate interessante sobre a história e a composição étnica do Brasil; o corpo lúdico substituiu o gesto associado ao objeto, ao ritual e ao ‘saber-fazer’ do trabalho diário. No entanto, a palavra, mais volátil, não parece pronta ainda para se constituir como um bem cultural fácil de ser circunscrito, “imortalizado” e é pouco provável que consiga encarnar um dia o espírito da Nação.

Referências

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio. Ensaio contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ARANTES, Antonio Augusto. Patrimônio imaterial e referências culturais. **Revista Tempo brasileiro**, 147: 129-139, 2001.
- AUGÉ, Marc. Não-lugares. **Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.
- CARVALHO, Maria Rosário de. “De índios ‘misturados’ a índios ‘regimados’”. In: M. Rosário de Carvalho & E. B. Reesink (orgs.): **Negros no mundo dos índios: imagens, reflexos, alteridade**. Natal: Edufrn, p. 82-99 (no prelo).
- CASCUDO, Luis da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. Rio: Mec, 1955
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 2ª. ed., 1962.
- CAVIGNAC, Julie. **A literatura de cordel no Nordeste do Brasil**. Natal: Edufrn, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes [Tradução: Ephraim Ferreira Alves], 1994.

- CUNHA, Manoela Carneiro da. 2009. **Cultura com aspas**, S. Paulo, Cosac e Naify.
- DANTAS, Manoel. **Homens de Outrora**. Natal: Nordeste Gráfica, 2001.
- DANTAS, Maria Isabel. **O sabor do sangue: uma análise sociocultural do chouriço sertanejo**. Tese (Ciências Sociais), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais: base para novas políticas de. Patrimônio in IPHAN. **Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação**. Brasília: IPHAN/Minc/DID, 2000.
- FABRE, Daniel. Le patrimoine culturel immatériel. Notes sur la conjoncture française. Article accompagnant la remise du rapport d'étude de Gaetano Ciarcia, **La perte durable**, à la Mission à l'ethnologie (Dapa, Ministère de la culture) le 10 octobre 2006 (mimeo.).
- GALINIER, Jacques. L'entendement mésoaméricain. Catégories et objets du monde. **L'Homme**, 39 (151): 101 – 121, 1999.
- IPHAN. **Dossiê Iphan. A festa de Sant'Ana**. Brasília, Ministério da Cultura, Iphan, Mec Acesso em: 04/01/2011. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br>.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Anthropologie structurale**. Paris: Plon (réed.), 1974.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento selvagem**. São Paulo: Papyrus, 1989.
- LIMA FILHO, Manoel Ferreira; ECKERT, Cornelia ; BELTRÃO, Jane. **Antropologia e patrimônio cultural. Diálogos e desafios contemporâneos**. Blumeneau, Nova Letra : ABA, 2007.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.
- MACEDO, Muirakytan Kennedy. de (org.). **Caicó: uma viagem pela memória seridoense**. Natal: SEBRAE/RN, 2003.
- MACEDO, Muirakytan Kennedy. de. **A penúltima versão do Seridó. Uma história do regionalismo seridoense**. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2005.
- MACEDO, Muirakytan Kennedy. de. **Rústicos cabedais: patrimônio e cotidiano familiar nos sertões do Seridó (Séc. XVIII)**. 254f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.
- NORA, Pierre. **Mémoire et histoire: la problématique des lieux. Les lieux de memoire**, V.1., La République. Paris: Gallimard,1984.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos 3**, Memória. Rio de Janeiro, 2, 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>.
- VELHO, Gilberto. **Patrimônio, negociação e conflito**, MANA 12(1): 237-248, 2006